

CLASSES "DIFÍCEIS" NO ENSINO FUNDAMENTAL II: RELAÇÃO PROFESSOR/ALUNO



Adriana de Melo Ramos

Orientadora: Telma Pileggi Vinha

Laboratório de Psicologia Genética

DEPE- FE - Unicamp

Apresentação II COPPEM - 2011

Justificativa teórica

- # **Classes difíceis**
- # **Indisciplina**
- # **Conflitos e regras**
- # **Relações interpessoais na escola**
- # **Desenvolvimento moral**
- # **Ambiente sociomoral na escola**

Objetivos Gerais

- # Caracterizar classes consideradas "difíceis" e "não difíceis" em escolas públicas e privadas, identificando fatores comuns e ou divergentes na organização destas;

- # Investigar as relações interpessoais entre alunos e professores e entre os alunos em classes consideradas "difíceis" "não difíceis" pela equipe pedagógica no que se refere à convivência, cumprimento de regras e a realização das atividades propostas pelos docentes.
- # Comparar, analisar e avaliar as intervenções e os procedimentos que as escolas utilizam ao lidar com classes "difíceis" e "não difíceis", assim como os resultados referentes à essas intervenções.

Objetivo Específico

- # Analisar as relações interpessoais entre alunos e professores em classes "difíceis" e "não difíceis" do Ensino Fundamental II.

Amostra

4 classes do Ensino Fundamental II
sendo que:

- # 2 de escola pública (E);
- # 2 de escola privada (P).

uma classe considerada "*difícil**" e uma classe considerada "*não difícil*".

*cujas equipes pedagógicas tenham relatado haver, em uma das classes, inúmeros problemas de comportamento e de relacionamento tanto entre próprios alunos quanto com os professores e com relação à realização das atividades e obediência às regras.

os participantes foram *alunos* dos 6^ºs e 7^ºs anos e as respectivas equipes pedagógicas (*diretor, coordenador, orientador, monitor de pátio e professores*).

Devido ao fato de que alguns estudos indicam que o desempenho acadêmico interfere na maior ocorrência de conflitos interpessoais (LEME, 2006), uma entre as variáveis controladas refere-se a este desempenho e, por conseguinte, somente foram selecionadas escolas/classes que apresentaram, em média, um bom desempenho escolar.

Critérios:

- # Na escola estadual - IDESP + média 1º bimestre
- # Na escola particular - média do 1º bimestre

Delimitação da pesquisa:

- # Pesquisa qualitativa - estudo descritivo e exploratório
- # Análise - triangulação entre os métodos

Coleta de Dados

Os dados foram coletados de 3 formas:

- # pela realização de entrevistas clínicas (que foram gravadas em áudio e transcritas) com alunos e integrantes desta equipe. Sendo que, no início da coleta as entrevistas foram feitas individualmente e ao final de forma coletiva apenas com os alunos;
- # a partir de observações* semanais das interações sociais tanto durante as aulas quanto nos demais momentos da rotina diária dos alunos e dos professores;

*juiz de observação (10% das sessões).

pela coleta de materiais, como registro das ocorrências, agendas, fichas de acompanhamento, planejamentos do professores, atas de reuniões e conselhos de classe.

Análise dos dados

- # Inicialmente, os dados (observação, entrevista e materiais) foram organizados e analisados, separadamente, a partir do estudo aprofundado de cada classe e da realidade e organização das duas escolas.
- # Posteriormente foi feita uma análise unindo os dois tipos de classe, "difíceis" e "não difíceis".
- # Ao final de cada categoria analisada foi feita uma conclusão parcial.
- # Deste modo, os dados foram analisados a partir dos temas e categorias, criados a *posteriori* da análise inicial.

Qualidade do ambiente sociomoral das classes

TEMAS	CATEGORIAS
1. Relações interpessoais	A) Relação professor/aluno B) Relação entre os alunos
	C) Regras e conflitos a. Concepção b. Tipos, qualidade, processo de elaboração e formas de legitimação das regras c. Indisciplina, violência, bullying d. Intervenções (sanções e transferências dos problemas)

2. Trabalho com o conhecimento

- a) Organização das aulas
- b) Processos de ensino
- c) Conteúdos
- d) Atividades
- e) Lição de casa
- f) Sistema de avaliação

Descrição das escolas e classes

Escola E

- # escola estadual;
- # situa-se em uma cidade de grande porte do interior de São Paulo;
- # atende alunos da 5^a série do Ensino Fundamental II até o 3^o ano do Ensino Médio, funcionando nos três períodos (matutino, vespertino e noturno).

Classe não difícil (CND-E)

5ª série com alunos entre 11 a 12 anos; 9 docentes; 28 alunos.

Classe difícil (CD-E)

6ª série com alunos entre 11 a 14 anos; 9 docentes; 32 alunos.

Escola P

- # escola da rede particular de ensino;
- # situa-se em uma cidade de grande porte do interior de São Paulo, encontra-se em um bairro de classe média, tendo em seu quadro a maioria dos alunos que moram no próprio bairro;
- # atende alunos da Educação Infantil (a partir de 2 anos) ao 9º ano do Ensino Fundamental II (14/15 anos), funcionando em dois períodos (matutino e vespertino).

Classe não difícil (CND-P)

7º ano com alunos entre 12 e 13 anos;
10 docentes; 17 alunos.

Classe difícil (CND-P)

6º ano com alunos entre 11 e 12 anos;
10 docentes; 16 alunos.

RELAÇÕES INTERPESSOAIS NA ESCOLA

Relação professor/aluno

Nessa pesquisa, os contextos diferentes como os da escola A e B e das classes difíceis e não difíceis, possibilitaram reafirmar a *importância da qualidade das relações estabelecidas entre docentes e discentes*. Nas quatro realidades investigadas evidenciou-se a influência que o professor tem na construção do ambiente sociomoral da classe.

RESPEITO UNILATERAL:

autoritarismo - exercício do poder
assimetria natural - autoridade

LINGUAGEM:

Construtiva/Dialógica

Infantilizada

Irônica

Humilhante

Impositiva

CRÍTICAS e ELOGIOS:

Desempenho Acadêmico

Comportamento

Cumprimento às Regras

Realização de Atividades

AMEAÇAS

terceirização - direção

terceirização - família

avaliação

castigo

perda de "direitos"

TRATAMENTO

diferenciado/privilégios

indiferença

comparação

situações vexatórias - exposições

Confronto

VÍNCULO

distanciamento

aproximação demasiada

equilíbrio

Nas *classes difíceis*...

- # O diálogo era desrespeitoso e hostil por ambas as partes, tanto professores como os alunos mantinham uma relação de enfrentamento constante, era uma "guerra de forças".
- # As relações com os docentes eram mais tensas, os professores reconheciam a dificuldade em lidar com a turma, que produzia grande cansaço e estresse.
- # Os alunos resistiam mais as regras da escola e as orientações dos professores, eram mais questionadores, já nas CND havia maior obediência e submissão.

Nas classes não difíceis...

- # O diálogo era desrespeitoso apenas por parte do professor, pois os alunos se submetiam mais as regras impostas.
- # De forma geral os estudantes se esforçavam mais em corresponder às expectativas dos docentes nos diversos sentidos.

CD-E:

- # quando os alunos apresentavam algum tipo de obediência, se dava por forte coação;
- # parecia não haver procedimentos específicos que "funcionassem", para contê-los;
- # a desobediência e o enfrentamento com os professores eram ostensivos e públicos;
- # *sentiam orgulho de serem os "piores" da escola;*
- # a imagem transgressora era valorizada pelos pares e admirada, em geral, pelos demais alunos da escola;

- # *o estudo também não era um valor* (ao contrário, o bom aluno, no sentido de ser dócil e estudioso era visto com depreciação - contra-valor);
- # a relação coercitiva e o enfrentamento, as críticas e imposições dos professores, acabavam tão somente por reforçar essa imagem que possuíam.

CD-P:

- # a relação de obediência, quando existia também se dava por coação, mas nessa turma o que "funcionava" era o medo dos problemas serem transferidos para as famílias;
- # *o pertencer a "pior classe", ser transgressor também era valor* (ser estudioso e obediente, submisso aos adultos, era desprezível);
- # *todavia, apesar de não assumirem, era valor o êxito acadêmico (e não o estudo);*

- # houve melhoria na imagem de classe difícil tanto para os professores como para os alunos, devido às boas notas apresentadas pelo estudo;
- # *os alunos passaram a dissimular mais seus comportamentos na presença da autoridade*, principalmente para evitar problemas com as famílias (porém, entre pares, vangloriam-se, relatando situações que desobedeciam, enganavam ou ridicularizavam o professor de forma sub-reptícia);

como os alunos eram sancionados por todos os lados, conseqüentemente, não mudavam de fato suas atitudes, apenas passaram a calcular melhor os riscos que corriam.

CND-E:

- # a relação de obediência se dava tanto por coação como para *manter a imagem de "melhor classe"* frente aos professores e aos pares;
- # a obediência, provavelmente, se devia ao orgulho de serem os "melhores" da escola (essa imagem era valorizada pelos pares e admirada, em geral, pelos professores);
- # além da obediência, *o estudo também era um valor*, acreditavam que o bom aluno deveria ser estudioso e dócil;
- # a supervalorização da classe pelos professores acabavam por reforçar essa imagem que possuíam.

- # dessa forma, para mantê-la, cumpriam acriticamente o que os docentes determinavam;
- # no final do ano letivo, as relações com os professores começaram a estremecer, pois os alunos com o tempo, não mais obedeciam cegamente.

CND-P:

- # a relação de obediência também se dava por coação, mas o que se evidenciou com essa turma, era uma constante preocupação em evitar problemas com as autoridades, assim muitas vezes fingiam obedecer, ainda que na realidade isso fosse apenas superficial, aparente;
- # *para essa classe, o valor não estava em ser um bom aluno, mas sim, em aparentar a imagem de um bom estudante;*

com o decorrer do ano, os professores mudaram a forma de agir com a turma, devido às cobranças relacionadas ao desempenho acadêmico que, nesse contexto, era inferior ao esperado pela escola.

Considerações finais (preliminares)

- Relação Professor/Aluno

- # a escola de antes (que é ainda a realidade em muitos contextos educacionais) não atende mais as necessidades da sociedade de hoje;
- # as diversas situações de exposição, comparações e humilhação, contribuíram para que as relações entre os professores e alunos fossem se tornando cada vez mais distantes, gerando nos adolescentes sentimentos de revolta, raiva e apatia;

- # as aulas organizadas eram preferencialmente centradas no professor, que era soberano, e valia-se do uso dos mesmos recursos como: as cópias da lousa, a leitura de livros didáticos, os exercícios no caderno. Esse tipo de aula não favorecia uma melhoria nas relações entre professores e alunos, ao contrário, não incluíam os conhecimentos dos estudantes, a troca entre os pares e a troca com os próprios docentes;
- # os alunos sentiam-se desrespeitados com atividades inócuas, ficando cada vez mais desmotivados;

- # os professores percebidos pelos alunos como os mais difíceis em se relacionar eram os que se mostravam ainda mais autoritários, valendo-se de situações vexatórias e abuso de poder;
- # porém, na escola A, apesar dos alunos considerarem as relações ruins com os professores mais autoritários, preferiam se submeter a isso, a professores considerados mais permissivos e negligentes, que não se importavam com os estudantes;

Os professores que conseguiram manter um melhor relacionamento com as classes eram os que:

- # demonstravam interesse em ensinar, preocupando-se com a aprendizagem dos alunos;
- # organizavam as aulas incluindo os conhecimentos prévios da classe, propiciando maior discussão e participação do grupo, permitindo a troca de pontos de vista;
- # não se sentiam ameaçados ou destituídos de sua função quando os alunos faziam perguntas que não conseguiam responder naquele momento ou que estavam fora do conteúdo da aula e, principalmente, interessavam-se pela vida dos alunos (porém não eram invasivos);

O professor idealiza os alunos (a classe), e confronta-se com a realidade:

- # a partir do momento que os docentes *frustram suas expectativas* sobre o "bom aluno", passam a estabelecer com esses uma relação *mais impositiva* ou *negligente*;
- # ficam em posições opostas professores que vislumbram *alunos idealizados* e *alunos reais* que não correspondem a esse ideal;
- # *alunos que não legitimam boa parte das ações dos educadores*, e, assim, a qualidade do ambiente sociomoral e o desenvolvimento dos adolescentes ficam comprometidos.

Paulo Freire

O professor autoritário, o professor licenciado, o professor competente, sério, o professor incompetente, irresponsável, o professor amoroso da vida e das gentes, o professor mal-amado, sempre com raiva do mundo e das pessoas, frio, burocrático, racionalista, nenhum desses passa pelos alunos sem deixar marca.

(1996, p.73)

Obrigad@!

adrianam-ramos@uol.com.br

adrianaramos@unifran.br